

Domingo, 11 de Outubro de 1895

Cogumelos florentes

Em uma correspondência de Hanover para o *Jornal do Commercio* da Capital Federal, diz Júlio Ribeiro:

“Tão fructuosos e fecundos têm sido as investigações dos naturalistas em toda a região brasileira, que os alemães propagam a ideia de fundar-se uma estação biológica permanente no seio do nosso país. Repeitas vezes se tem falado nisso que a ninguém surprenderá que em breve a ideia se torne realidade. Já se coida mesmo, não mais de por em relevo as vantagens de tal instituição, mas apenas de determinar o ponto mais conveniente do estabelecimento; e o ponto que melhores e mais numerosos requisitos oferece e satisfaz é de cario Blumenau, no Estado de Santa Catharina. Ali acham os alemães uma pequena pátria ao molde da sua, florescendo n'ela riqueza luxuriante e risonha, sob o maior benigno dos céus.”

“Mas considerações só lombardas a propósito dos estudos de jovens naturalistas. A. Moller, ali festejou e para mim já publicados.

“A flor do cogumelo? o que há de ser isto? — perguntará o leitor. Os cogumelos não se propagam por modo sexual, nem tem herde por conjugação.”

“É certo; mas ha flores e flores. Na unas, que são, no phrasé de Linneo, o ornato do trânsito suspeito das plantas, e n'esse resto particular que se opera a reprodução vegetal. Ha outras que são simples ferções que, pelo aspecto, perfissem a coloração, atrahem os insetos, mas não tem função alguma especial à vida das plantas e suas estruturas, o povo, os poetas e artistas chama de flores e como as raras lessas erros poéticos são excellentes, não ha conveniencia praticar em exagero.”

Não seria difícil encontrar umas flores florentes mesmo na Europa, ultrapassando as terras do sol; mas não são características, nem belas, e apenas desportam a atenção ministras dos herboristas. Um ramilhete dessas, talvez, ofereceria o Brasil, que é sempre a terra de singularidades, prodigiosas e inesgotáveis.

A Academia de Berlim, enviada em 1890 e jovem naturalista Alfredo Moller no Brasil e encorajando-o a estudar a flora e a fauna da região, provou-lhe de antemão a riqueza das resultâncias e das frases dessas especulações.

Alfredo Moller não é um espírito extróitico, que só se dedica às apreciações e a classificações. É um observador agudo, um poeta visionário, que o espírito do mundo vê e sente e tem o talento de generalizar e de exprimir.

Base seus dados experimentais numa horizonte de lumiére, elle é sobrinho de Fritz Müller, o glorioso co-laborador de Berlim, a quem elle executa e serve em Blumenau, e que é um naturalista também nesse, porque ninguém mais de que elle titubeará pela proximidade a nossa terra.

O Dr. A. Moller descreve-se trecentos no sul do Brasil e mil colunas de coleções, as suas notícias e observações aqui e ali esquecidas, completas unhas, outras ainda a refazer, representam um grande cabedal, que o público ainda hoje desconhece. Apesar disso sua parte destaca-se agora entre todos os estudos monográficos de mais alta importância; o interessante estudo sobre a agricultura de algumas formigas, que só fazem provisão de viveres para o inverno, como sabemos desde a fálgica de cípere, mas lavram o planalto os terrenos dos proprios preguiçosos e esperançosos províncias e esperam provisões a cobrar; o segundo, sobre as cogumelos Tuberaceos, de que damos aqui rápida notícia.

Logo a chegar Moller a Blumenau, onde se sabiam o interesse do naturalista pelas cogumelos, disse: “Temos aqui uma espécie curiosa assim; distinguem-se por um charme desarrabidilíssimo, e suas espécies hão de chegar para baixo a maneira de sôa remendada ou dos antigos balões de malhar. As crianças chamam-n'as a Moça do voo.”

A Moça do voo não é uma raridade; encontra-se em muitas zonas da terra, sobretudo nos tropicos, e é conhecida já ha séculos e meio sob a denominação científica de *Dicotyphora phalloides*; mas ninguém havia observado o seu desenvolvimento com todo o cuidado e delicadeza que o caso exigia e nas fases mais interessantes da vida dessa planta curiosíssima, porque o fenômeno de sua vida e floração dão-se ao anotecer e durante algumas horas.

Os naturalistas em geral observam a planta desenvolvida e para achá-la eram guiados pelo olfacto. Moller, entretanto, não contente de esboçar as fases da planta e apre-

ender-las a por meio de provas fotográficas instantâneas, a quereria sempre artificialmente para o comprovar, a tarde e seu uso artificial, — adotou um processo mais comum de observação.

Apalpou o ovulo da planta, conservando a porção da terra em que elle se achava, levava-o para casa e ali serenamente esperava a germinação, o crescimento e a floração, e que tudo devia realizar-se em poucas horas.

A. Moller prometou-lhe as crianças do lugar prémios e presentes, as que trouxesssem ovulos maduros já quasi a germinar, da Moça do voo. E ainda que a estação não fosse a mais propria, a colheita foi certa.

O crescimento da Moça do voo, que se faz das 2 ás 4 horas da tarde, é tão rápido que se vê a planta crescer com o movimento igual ao de um ponteiro de minuto das grandes relógios de parede; não só só, mas mesmo se ouvir, pela expansão dos gumes interiores, que se manifestam por estalidos sucessivos. Em duas horas a planta atingiu o seu máximo desenvolvimento, que é de 60 milímetros.

E só como se desenrolam as fases curiosas desse fenômeno.

A 2 horas da tarde o ovulo apresentava um relojo de um lado, que ca

de vez mais se avolumava como um imor e que afinal se rompe. E apparece logo a base do cogumelo, que é encimada por aquela glândula que dá a planta o aspecto de pétalas. Dali em diante o crescimento começo a outros vistos, e acompanhado de pernas estreladas; em cada minuto a haste alonga-se um milímetro. Quando o desenvolvimento da haste vai já a atingir o máximo, começo a erguer a apêndice do sol, que é princípio nato de todo a haste e dali se despraga a reticula ou a serra que desce ao longo da haste em forma de sino, só que atinge o solo e daí vêem, quando o crescimento é excepcional, folhas pelo lado como se fosse espira de vestido.

Ás approximar-se do sol, o vodo esconde com uma rapidesa tal, que se mette escondido.

Assim, é de 5 horas da tarda, que é de meia altura e seu máximo crescimento. Logo depois fomos como as rosas de Moller.

O cheiro activo, consistente em doce e suave, descrevendo-se no momento de máxima expanção e outras fases sucessivas, que é de um perfume agradável que apetece.

Na repartição do registo civil está affixado o editorial, agravando o casamento do soldado, do 37º, Joaquim Rodrigues com Maria Ignaz.

Notas marítimas

VADORES ESPERADOS

Victoria, do sul, a 11.
Guaíba, do sul, a 11.
Alvorada, do sul, a 11.
Maisons, do norte, a 14.
Itapary, do sul, a 12.
Itapuruca, do norte, a 12.

A SAMIR

Victoria, para o norte, a 11.
Alvorada, para o sul, a 11.
Guaíba, para o norte, a 12.
Maisons, para o sul, a 12.
Itapuruca, para o sul, a 12.
Maz, para o sul, a 12.
Itapary, para o norte, a 14.

CHURADO

Maisons, do norte, a 10.

SAMIR

Maz, para o sul, a 10.

Concluindo

Joanna decide-se repentinamente.

Voltou donde estava a mãe, pegou num dos maiores ramos depositos no mosaico do seu piso e voltando para junto do outor, exulta, apresentou-lho, sorriente e satisfeita.

A thesoura — Deixa-te de luxus.

Isto ha de passar-te.

O jornalista — Mas eu não queria que te alige?

A outra respondeu, com uma voz muito timida.

— Querias flores para... o papá.

Momentos de silêncio.

E os pagureiros cantavam sempre

pelo solimão idealmente tingida a rosa

e violeta, e os insetos zumbiam impertinentemente o mugido dos rebentos

echovava pelo ambiente das flores

d'alem.

Joanna decidiu-se repentinamente.

Voltou donde estava a mãe, pegou

n'um dos maiores ramos depositos no

mosaico do seu piso e voltando para

junto do outor, exulta, apresentou-lho,

sorriente e satisfeita.

— Tomo, para o teu papá.

E como aquell' ficasse interditado,

so se atreveu a pegar no ramo,

Joanna deixou-se na sua propria de-

cor o grande ramo junto da cruz toca e humilde.

Neste momento, Laura de Révan-

nes desparou de seu alheramento e

com um olhar rápido viu e compre-

endeu o que se passava entre as

duas crianças.

Ergueu-se então e diri-

giu-se para elas.

— Não te zangues, commigo, não,

mãmá? disse Joanna. Esta menina

chorava, conturbada; não tinha flores

para dar ao papá dela.

Nisto, porém, a senhora de Révan-

nes olhou para a pequena cruz e sol-

tou um grito, recuando e arrastando consigo sua filha.

A cruz tinha no alto esta inscripção:

— Aqui zinhar Pierre Roques.

Pierre Roques, o assassino de seu marido.

E a crua

Era a cruz de Révan-

nes, que num dia ermo

mais, com a chuva

que desce de cima

do céu, caiu

na estrada de

pedras, e que

o vento levou

para o mar.

Naquela noite, quando

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

o sol se pôs

no horizonte

da terra,

o vento levou

para o mar,

